

Transcrição da entrevista realizada em 24 de novembro de 2004 com Mauro Wermelinger

Entrevistadora – Marina Lutterbach

Marina - Então conta um pouco da sua infância, primeiro.

Mauro – Pô, a minha infância ? Ih, rapá! Minha infância é um negócio muito louco, né? Eu não me lembro de muita coisa, não. Eu me lembro que... eu sempre fui uma peste né cara? Um cara muito ativo e ao mesmo tempo quieto né? Sempre gostei de ficar... mexendo em coisas né? Sempre gostei muito de papel né? Papel, é... figurinha né? É... quando eu não tinha grana eu cortava eu cortava figurinha e fazia álbum, né? De figurinhas... e a minha infância foi normal estudei né? Joguei bola, por incrível que pareça, eu joguei bola, soltei pipa e de certa forma até os dez anos foi uma vida normal no sentido que eu estava dentro dos padrões aceitáveis. E quando eu ... Eu morava em Ramos e fui pro Méier com dez pra onze anos, e fiquei um ano e pouco no Méier, morei uma parte na 24 de maio e a outra parte na Marechal Rondon, aí depois eu fui pra Jacarepaguá e aí bicho foi quando começou tudo, foi em Jacarepaguá que eu comecei a ter contato com música, porque na realidade, é... Jacarepaguá naquela época era um foco de resistência cultural, tinha muita gente que mexia com música lá, e como lá tem muito campo, né? Aquela época, então tinha mais mato... lá tem muito verde, né? Tem muita cachoeira... tem um lugar chamado Vargem Grande, Camurim, Curicica, é... bem zona rural. Jacarepaguá era tida como uma zona Rural, né cara? Então tu ta lá e conhecia... dois amigos... duas pessoas interessantes: O Sérgio Carvalho, que é o... na realidade é o cara que me deu todo o suporte né? Musical e de formação e o Paulo Roberto que são os caras que eu tenho que direcionar aqui que foram os primeiros caras que eu comecei a lidar com contra cultura e música, i-ching, tarô, Rarecristna aí eu comecei a misturar as coisas todas... as meninas de Deus, quer dizer, então eu comecei nessa onda, né? Bem assim nos anos setenta, aí... comecei a gostar, falei pó, isso é legal né? Filosofia... todo mundo irmão aquela onda toda.. aí eu falei pô legal, isso aqui que eu gosto, que eu to afim de fazer, achei bacana, então... o resto é consequência, né? Aí, logicamente...aí eu fui mexer com música e já em setenta e cinco, por aí, já comecei a ver que a música já na estava na minha vida desde onze anos e aí eu falei pô, acho que é por aí o caminho. E ao mesmo tempo eu comecei a fazer Fanzine... de música, até chegar em 1980 que eu comecei... eu fiz um jornal de rock, chamado jornal do rock, eu tenho até alguns exemplares aí. Escrevi um tempo na revista Roll, de Rock n' roll que também era uma revista de música, também não durou muito e... eu morei com um monte de coisas... revista Som três que era uma publicação da (incompreensível) equipamentos de áudio, também virei colaborador e minha vida toda foi assim mexendo com música e sobrevivendo disso, né? Fora que eu tinha um emprego normal, aquele emprego que você acorda vai pro trabalho e volta.

Marina – Mas que tipo de emprego?

Mauro – Eu fui bancário, bicho... durante muito tempo. Basicamente o que deu suporte preu poder continuar foi o banco né? Então, mas foi quando eu comecei a caminhar. Aí subi na Escola de música Villa Lobos, na década de oitenta, aí comecei a lidar com música, aí estudei lá, me formei, quer dizer, fiz o técnico né? Curso de ritmo e som que não era curso básico ainda, era curso de ritmo e som... e já tinha uma galera da pesada lá Leonardo

(incompreensível) tinha Marcos Nogueira, Julio César Barbosa que hoje dá aula na escola, Marcos Nogueira que já foi diretor, professor da escola, hoje é professor da Escola nacional de música... Tem que citar nomes né? Porque são pessoas que fizeram, de alguma forma, fizeram parte desse jogo musical. E aí 1980... vamos pular pra 84 porque aí eu conheci o Hermeto Pascoal, cara. Aí foi um negócio de doido, né? Dá uma pausa aí.

Pausa na fita.

Mauro – Aí quando chegou 84, cara , eu conheci o Hermeto, mas antes disso eu sempre fui fã de música, de música instrumental... Eu sempre ouvi de tudo né? Jazz, rock, música progressiva, country, mpb, pessoal de minas, clube da esquina, Lô Borges, Fernando Grandi, Toninho Orta e Ronaldo Bastos, no caso né? E comecei a gostar de Jazz, já em setenta e nove, por aí, mas sempre misturando as tendências musicais. E comecei a gostar mais de música instrumental e escutei falar de um cara chamado Hermeto Pascoal, ai eu pensei: esse cara é bom, aí eu fui atrás, fui ouvir as coisas, pesquisar e comecei a freqüentar os concertos como... mais como público e no Circo voador o Hermeto sempre tocava lá, nos tempos aureos do Circo Voador, não agora, porque o Circo voador hoje não presta, é uma máfia né? Então, na realidade, em oitenta e quatro eu cansei de ser público e fui lá falar com o Hermeto e me apresentei, aí ele... né... falei, ó, acho seu som demais não sei o que e deu no que deu, eu fiquei de oitenta e quatro a noventa e três direto lá, eu ficava o dia inteiro lá ouvindo música, pesquisando e acabei trabalhando. O Hermeto um dia me chamou, me falou ó, eu comecei como guia. E por coincidência, entendeu o destino é um negócio... eu já morava em Jacarepaguá e de Jacarepaguá pra casa do Hermeto era um negócio de vinte e cinco minutos de distância aí eu falei ah, nesta época eu trabalhava de madrugada, eu falei: eu posso ir todo dia pra casa do Hermeto. Neste período eu não sabia nem o que que era cidade, centro da cidade, não utilizava, nem show, porque lá todo dia tinha ensaio, segunda quarta e sexta...segunda, terça, quarta, quinta e sexta de duas da tarde às oito da noite, era um ensaio, assim, exaustivo, né ? E comecei a falar, pô, esse som daqui é demais, né? E o Hermeto falou: - Ó você tá vindo todo dia aqui... sabe fazer isso? Eu falei: - Sei. Sabe fazer aquilo? – Sei. Mas eu não sabia fazer nada, né? Mas ele chamou para fazer o som, né? Fazer o plano de palco, ligar os equipamentos, hoje as pessoas chamam de road. Aí eu falei, ah... na época eu não sabia fazer nada, não sabia como funcionava, né? Aí falei, bom... Fui pra São Paulo e daí eu comecei a trabalhar com o Hermeto e a coisa foi bacana e deu no que deu, né? Até noventa e três. Em noventa e três, neste período, eu conheci todos os músicos do Rio de Janeiro, cara, todos, São Paulo, Minas daí meu conhecimento. Pessoal fala, pô mas você conhece todo mundo, mas foi devido ao Hermeto eu comecei a conhecer... (incompreensível) Espírito Santo que já veio aqui em casa, o Jovino que tocou com o Hermeto que mora nos Estados Unidos. Aí a ponte foi o Hermeto, hoje eu conheço gente no Canadá, Montreal, Montreux na Suíça, conheço gente que mora... mais em Nova York, né? Gente que mora na Califórnia. São pessoas que quando vêm ao Brasil ficam na minha casa. Tem músicos que, por exemplo, Harvey Winapple, grande saxofonista, tocou com Ray Charles, tocou na banda do Tony Bennet, o pianista Kenny Barro, eu tenho um disco dele aí, inclusive. Então esse convívio com músico, com músico sério é que faz... é que eu comecei a ver, pô, isso é legal, é bom de fazer e ao mesmo tempo vira uma profissão, né? Você acaba fazendo um intercâmbio, né? E esse intercâmbio rola uma grana, rola um trabalho, aí, entendeu? vai fazendo um ping-pong, não no estilo toma lá, dá cá, mas é uma coisa recíproca, né? Porque, é... todo mundo precisa sobreviver, né? Então... e aí em noventa e

três eu saí do grupo do Hermeto e um ano, um ano não, dois anos depois eu encontro o diretor Marcos Nogueira, que até então, estava dirigindo a Escola de Música Villa Lobos e ela estava mudando estava abrindo para um processo mais popular pra neguinho tivesse acesso a música, já que nem todos teriam música, a filosofia até hoje lá é essa, que eu acho bem legal, eles abrem o espaço pra todo mundo mas sabendo que nem todo mundo vai seguir a profissão e isso eu acho legal na escola. Eu só acho o tempo de exposição da informação, pequeno, o tempo em que o aluno fica exposto a informação musical eu acho muito pequeno, né? Então ele poderia ser um pouco maior pra todas as matérias. É uma coisa que eu tenho um pouco de tristeza, de ser assim, né? Até hoje o tempo de exposição é pequeno, poderia ser maior. Por que maior? Porque a música ela tem o poder muito sagrado mas ao mesmo tempo ela entra e sai com muita facilidade da cabeça do sujeito. Então pra fixar o cara precisa ter vontade de correr atrás da informação. Então é mais ou menos assim, então, não existe dom na minha opinião. Existe, assim, como ela entra e sai com muita facilidade... é que nem o som, você toca uma nota, logo depois vem outra, aí essa que você tocou já foi, entendeu? Você toca três notas, né? Pa, pa, pa, pa, aí o primeiro pa já foi, o segundo também o terceiro agente tá acabando de ouvir e quando você toca a quarta nota... então a música tem esse negócio ela entra e sai com muita facilidade, ela se espalha pelo ar, então eu acho o tempo de exposição é muito pequena. Aí esse Marcos Nogueira me encontrou na rua, aí ele falou: - oi Mauro tudo bem, como é que vai? Tudo bem você tá trabalhando (trecho incompreensível)? Eu falei é pois é, aí eu falei, então, que eu trabalhava no banco e ele falou assim, ó só, você tá fazendo o que à tarde? Eu falei ó, eu trabalho à noite e à tarde eu tô livre. Pois é nós tamos recebendo o quadro de professores e eu pensei no seu nome. Aí eu, porra, pensaram em mim, cara?! Depois desses anos todos, né? Eu falei é mesmo. - Você ainda tá com aquele trabalho de pesquisa musical, de História da música moderna? Eu falei to. Então tá legal, você vem aqui... Aí deu no que deu, o resto, virou História né? Eu to lá desde de noventa e cinco. Eu gosto da escola pra caramba, apesar dessas ressalvas que eu to fazendo aqui, o tempo de exposição, somente isso. Porque, na realidade, as pessoas vem me falar, ah porque a escola tá cheia, não sei o quê... Não, é que o tempo de exposição precisa ser um pouco maior. Agora é muito mais do sujeito que da escola. O professor tem um papel importante nessa hora, né? Não pode faltar, tem que dar as aulas, isso aí tudo bem, é bom você fica um cara mais austero, né? com os seus compromissos. Mas ao mesmo tempo... mas o aluno tem que fazer muito, cara, pra entender esse universo musical. Porque mesmo que o cara queira ser só técnico de música ele vai ter que conhecer uma série de elementos, equipamentos, conexões, play tech, um universo muito grande, né? E eu continuei mexendo com música, eu to com quarenta e três, o tempo passou e eu nem vi. Engraçado que às vezes eu to aqui em casa e acho papel de mil novecentos e setenta e três e aí eu falo: meu Deus, eu leio como se fosse como estivesse lendo uma revista veja de dois mil e quatro. Porque a música, o que foi feito na música já tá sacramentado não tem o que mudar, isso tudo é história. Quer dizer, daqui a vinte anos vai ter gente querendo saber o que aconteceu nos anos setenta. Então, na realidade, o meu foco são os anos setenta, sempre. Porque foi quando tudo começou. Toda a revolução musical, ela começou entre sessenta e setenta mas o boom é em meia nove, meia oito, meia meia, meia sete, meia oito, meia nove, setenta e assim por diante até chegar a era disco a era do John Travolta, Bee Gees que aí ela parou. Aí o resto... da era disco em diante não aconteceu mais nada, em termos de revolução musical. E hoje quando você ouve são fusões, são pessoas que misturam o que ouvem dos anos setenta e mistura com atuais e diz que é moderno. Não é moderno, apenas é uma reciclagem, né? É como tem bossa nova, agora tem bossa nova em

grums and base, pega o que tem ali e joga uma batida, né? Tem muita artista nova, tem a Fernanda Porto, é legal. Tem muita gente que fazendo trabalho de qualidade, o problema é achar esse trabalho. Aí... Peraí, deixa eu atender lá.

Pausa na fita.

Marina – Então me conta um pouco, assim, do trabalho com o Hermeto, o que você fazia naquele trabalho. Você mexia com equipamento...

Mauro – É o trabalho com o Hermeto foi o trabalho mais louco, porque comecei como fã, e fui lá para casa do Hermeto... apareci e o Hermeto falou: ó vou começar pelo Circo Voador foi numa sexta feira. Era dia...era vinte e seis de junho de dois mil e ... não vinte e seis de junho de oitenta e quatro, dia do aniversário do Hermeto, sexta feira. Aí eu fui lá e tal, me apresentei oi Hermeto é que eu sou seu fã... Ele: Pô, legal. Aí, O que você vai fazer amanhã? Amanhã eu tenho uma, to montando uma setion aqui, pô fica aí, não sei o que. Aí fui lá no show de novo, nesse dia nem paguei fiquei espiando lá os músicos, fiquei com a galera. Acabou o show o Hermeto falou: Acabou a festa, neguinho já ta indo, então, é melhor conversar, teve uma janta, nego foi lá, teve um solo... e ao mesmo tempo entrava outro... foi uma festa né? Aí o Hermeto falou assim pra mim: Lá em casa vai ter uma feijoada domingo, se quiser chegar lá... Lá fui eu pra feijoada. Fiquei com o Hermeto sexta, sábado e domingo, direto né? Eu tava com vinte e quatro anos nesta época e aí minha mãe tava viva nesta época e ela falou assim... mãe, eu conheci o Hermeto Pascoal aí ela: ah o Sivuca ? Não, mãe. É que eles são parecidos, né? Sivuca é uma coisa Hermeto pascoal é outra. Sivuca toca sanfona e é chato pra caramba. Hermeto Pascoal não, é músico instrumentista faz música de vanguarda, né? Então, ela: Vanguarda o quer dizer isso? Aí eu expliquei pra minha mãe. Aí depois desse lance da feijoada... tava todo mundo lá, cacau, (incompreensível) uma cantora de Jazz polonesa, tava o Michel Mariagi que era o marido dela, também violinista polonês. Quer dizer, pô tinha tanta gente lá, tinha americano lá, os músicos todo mundo lá na casa do Hermeto, eu falei assim: caramba, não acredito. Isso lá no Jabú depois de Bangu, fim do mundo. Aí eu falei: puxa vida aqui é o centro da música, pô então ta legal. Aí o Hermeto falou assim, ó: Agente ensaia todo dia das duas da tarde à oito da noite se você quiser aparecer por aqui pra nos visitar. Aí eu, ta legal, aí eu comecei a ir. Fui segunda, fui terça, fui quarta, fui quinta e o tempo foi passando e todo dia eu tava lá cara, todo dia. E amizade foi ficando estreita , ela foi, como se diz... foi ficando sólida. Ao ponto que o Jovino, o pianista do Hermeto, eu comecei a ficar mais próximo do Jovino, pianista, que hoje mora em Seattle, foi pra lá em acho que em noventa e três, eu acho cara, eu acho que foi em noventa e três. Então, na realidade, tem dez anos que ele mora lá, ta certo, é isso mesmo. Aí o Jovino começou a... na realidade, eu fiquei mais próximo do Jovino. E todo dia depois de almoçar eu ia para casa do Hermeto ouvir música, ouvir o Steven Draco, (incompreensível), Jazz, todo mundo do grupo tinha basicamente o mesmo gosto musical e isso foi fortalecendo né? Eu também já tava com o meu acervo já cada vez maior. Aí eu falei Jovino eu tenho um acervo de música muito grande. Aí ele foi lá em casa, aí quando ele chegou lá em casa ele pirou. Aí ele: caramba você tem tudo isso? Ele, porra bicho, não sei que. Aí eu falei, pô eu to no caminho certo, né? E essa galera vai dar mó pedal. Bom, nesse meio tempo o Hermeto falou comigo assim, me chamou, falou: ó vai ter uma viagem aí você sabe montar som? Eu falei: sei. Você sabe equilibrar instrumento? Eu sei. Eu não sabia, sabia só de olhar e tal. Aí fui, o Hermeto falou, pois é, vai ter uma viagem aí. Aí eu: Pô viagem? É Vai ter um show lá no Sesc Pompéia. Aí eu falei, caramba bicho, no Sesc

Pompéia, lá vou eu. Aí foi a primeira viagem de ônibus, cara. Que é assim, quando você viaja com um grupo, o ônibus vai lá pro Jabú sai todo mundo de lá, o encontro base sempre foi a casa do Hermeto. Então, pô, a primeira emoção de subir no ônibus pra viajar com um grupo foi na casa do Hermeto. Não sei se você viu aquele filme “Quase famosos”? Sabe aquela onda do ônibus? Esse filme é perfeito porque eu vivi aquilo tudo, cara. A diferença é que não foi rock, foi com o Hermeto Pascoal e músicos brasileiros, né? Eu viajei o Brasil todo de ônibus, cara, todo. Fui à São Paulo, interior. Naquela época avião era muito caro, né cara? Então era ônibus mesmo. E ônibus era mais legal, né? É busum você vai dentro do ônibus pra Vitória, fui pra Minas, porra, tudo de ônibus, cara. E sempre o ônibus partindo da casa do Hermeto e quando voltava era mesma coisa deixava agente na casa dele e cada um seguia seu caminho. Em Pernambuco ia pra casa dele eu ia pra minha. Quando chegava em casa depois de quatro dias viajando eu achava que tinha ficado um mês fora. Que tamanha, tanta coisa acontecia na estrada e acontece até hoje que você perde a noção do tempo. O dia e a noite não faz diferença. Então, um dia você tá num lugar outro dia você tá em outro. E aí quando chegou, engraçado, que quando chegou nessa época que eu comecei a trabalhar eu já tava começando a ficar craque, já ligava tudo, já sabia qual era o defeito. Eu durante o show quando eu via que alguma coisa errada eu ia pro técnico principal falava ó tá faltando o baixo. Então, eu fui meio que deixando o som do grupo legal, a qualidade do som começou a melhorar. Quer dizer, porque eram seis músicos, tinha um que ficava policiando o som do teatro pra ficar do jeito que os músicos queriam. Então, aí o Jovino sacou, poxa o Mauro faz um papel fundamental nesse grupo. Ele ouve pela gente. Ele tá lá, ele já conhece, eu já conhecia todas as músicas. Sabia o que era a cada composição, sabia se tinha um solo ali, qual era ponte e aí chegava para o técnico principal, porque todo teatro tinha um técnico principal, você vai então acompanhar. Você chega pro técnico e fala: Ó o som é esse e tem o solo tal e o cara começou a sacar e o som começou a melhorar. E fora o suporte, qualquer problema no palco eu ia lá e resolvia, subia lá, ia lá, olhando os cabos. Então, eu vivia com ferramenta. Aí eu comecei a comprar ferramenta, aí comecei a achar legal, por isso que minha bolsa cresceu. Cada vez eu comecei a carregar mais coisa e acho que hoje virou um hábito. Hoje eu não carrego uma casa nas costas mas morando em Jacarepaguá e vivendo na cidade eu já saía de casa, morando longe, você sai e sabe que não vai poder voltar pra pegar nada então já saía com a casa nas costas. Já saía todo carregado pra não poder esquecer nada. Aqui não, aqui você esquece uma coisa você vem e pega e tudo bem. Então de oitenta e quatro a noventa e três eu só fiz isso, fora o banco. E aí comecei até a ganhar uma grana, ganhava diária e pô e não gastava dinheiro com comida. Porque dependendo do show tinha os produtores locais que fazem o trabalho de cicerone né? Aí conheci muita gente principalmente em São Paulo. Agora o grande lance musical ainda é São Paulo, cara. São Paulo é uma coisa impressionante, a música lá brota no chão. Não é que nem no Rio que você vê focos, né? Você vê focos. Eu lembrei de focos né? Do grupo Focus. Você vê foco musical. São Paulo não. Você vê a coisa brotando em todo lugar tem um bar, tem um clube. Tocando de tudo de Jazz à forró, não importa, música. E aí foi essa festa. Então, é, fazendo uma ponte entre o trabalho do Hermeto e o filme “Quase famosos” é exatamente aquela onda, né? Aquele menino que vai atrás da banda... quando eu vi esse filme eu vi o espelho todo da minha vida ali, cara, todo. E por incrível que pareça tem uma mesma história no “Around the midnight”, “Por volta da meia noite” que um filme sobre Jazz, também é quase a mesma coisa, é basicamente a mesma coisa, só que o cara não viaja ele fica atrás do músico. Então minha vida inteira foi assim, vivendo com música, trabalhando, fazendo.. trocando informações e fazendo intercâmbio. Aí hoje, a idade vai chegando e hoje as

peessoas já querem ver e fazer música, e as pessoas ligam pra cá, e o Jovino é responsável por essa ponte, porque como ele está nos Estados Unidos ele vem sempre aqui, então ele deixa a minha casa como referência. Então, eu recebo músicos do mundo todo, cara, da Suíça, gente que não tem dinheiro mas que só pode pagar um determinado valor, aí vem pra cá. Aí veio agora o Harvey Winapple. E aí também não sei, vem uma média de três por ano, né cara? Porque também não é um fluxo constante eu também tenho minha vida particular. Então, na realidade, esses músicos, eles já vem com a informação, pô a casa do Mauro é legal o Jovino já falou muito bem dele, então o Jovino, na realidade, faz a... ele que faz essa ponte. E é legal que todo ano chega gente aqui em casa e chega muito porque os caras tocam e a casa fica cheia, aí vem todo mundo pra cá. Aí vem Marcio Bahia, do grupo do Hermeto, hoje um grande amigo que eu tenho, eu sempre tive, agora cada vez mais, é o Marcio Bahia, baterista do Hermeto que mora aqui perto também e que é um cara que ta sempre aqui em casa, sempre aqui em casa. J. Carlos. Aí de dois mil pra cá também aconteceu muita coisa legal, eu conheci um grande crítico de música chamado J. Carlos que tem uma programa na Radio Mec que é um cara que eu conheço à vinte anos só ouvindo programa de música e conheci o cara dentro de um show através de outro amigo chamado César Augusto e que cada vez que vou conhecendo uma pessoa o time vai aumentando, essa galera hoje ta com sessenta anos. O Jovino ta com cinqüenta e dois e o Márcio ta com quarenta e cinco eu to com quarenta e três, ta todo mundo já ficando velho, né? Mas no sentido que esse grupo é o mesmo de vinte anos, cara, apenas hoje ta cada um morando num ponto né? O Márcio morava em Piratininga, eu morei em Jacarepaguá o J. morando na ilha, então eu morando aqui o acesso é muito bom. Então tem que falar, né? Nem morri e estou na Glória (risos). Incrível né? Eu sonhei que morava por aqui. Aí eu falei, poxa né? Legal. O bairro aqui vai dar mó pedal. Porque ele é central, ele é legal. Não tem muita apurrinhção e a música acontece todo dia. Som, aula, telefone toca. Eu gosto desta coisa, lidar com tecnologia, dvd, cd, cdr, Internet. Por enquanto eu não tenho Internet, mas eu tenho esses acessos. Agora é com você.

Marina – E a sua experiência como instrumentista?

Mauro- Como instrumentista nem tanto, porque eu nunca pude, assim, ta tocando. Teve uma época que eu toquei , mas não que fosse uma coisa, constante não, eu vejo isso como...

Fim do lado A da primeira fita

Início do lado B

Marina – Fala um pouco da pesquisa musical

Mauro – Essa é a parte que mais me interessa. A parte que mais me interessa é a pesquisa . Aí eu volto lá nos anos setenta. Comecei a juntar material, comecei a juntar papel e fotos de grupos. Naquela época era só rock progressivo, rock, blues. Comecei a juntar revista, papel, encarte, recorte de jornal. Tudo que saía de música eu recortava e colava no caderno. Olha a loucura. Saía critica de discos eu ia lá e cortava e colava no caderno. Eu não comprava jornal, ficava catando nas lixeiras, porque todo mundo joga o jornal fora, aí eu

ia na lixeira catava tudo que saía de música eu cortava e colava no caderno. Quando eu fui ver eu tinha mais de quarenta cadernos cheios de informações musicais, lotados. Eu falei: caramba, bicho. Que loucura. Então em toda a minha vida eu fui juntando muito material. Chegou um ponto, cara, eu posso ganhar dinheiro com isso. Aí eu tinha uma máquina de escrever, uma Olivetti Lettera 22, foi meu instrumento de trabalho. Sempre gostei de escrever, sobre música. Sempre tive uma capacidade incrível de escrever, até hoje eu faço release da banda. Então eu cobro para fazer release. Menina ligou para mim ontem: Mauro faz um release aí pra mim alguma coisa sobre samba, aí eu faço. Sento aqui no computador e escrevo. Então, na realidade, a questão da pesquisa foi assim. Comecei cortar papel, recorte de disco, saía uma crítica de disco eu ia lá cortava e colava no caderno e aquilo foi desencadeando, o caderno foi ficando mais grosso e vai ficando cada vez mais pesado, eu jogava tudo isso dentro de casa. Morava num apartamento pequenininho e meu pai e minha mãe, e aquilo foi crescendo, chegando papel pra caramba. Aí as publicações de música, elas começaram a explodir, a pipocar né? Eu comecei mandar cartas dizendo que eu tinha um acervo muito grande e as revistas começaram a se interessar e a me perguntar se eu não queria ser colaborador indireto. Indireto, assim, você não é funcionário da editora você colabora e tem um percentual pela informação que você manda. Comecei a fazer isso, cara, não deu outra, um dia a revista Som Três publicou meu anúncio: possuo um acervo musical, na época eu estava com dez anos de acervo, possuo um acervo musical de mais de dez anos muitas informações sobre rock, jazz, blues, música contemporânea, foi aí que começou a chover cartas do Brasil todo. Pena que isso aqui não é vídeo, eu tenho aqui um banco de papelão, tudo isso aqui é cartas que eu não posso jogar fora, é um legado aquilo ali. Aquilo ali prova tudo o que eu to falando aqui. Eu recebia carta de todo o Brasil e as pessoas queriam informação: Quero uma informação sobre o grupo Gênesis. Vou lá Gênesis: eu tinha. Aí eu queria uma informação sobre o Led Zeppelin: eu tinha. Eu queria alguma coisa sobre o grupo Rush: eu tinha. Por que? Eu também investia em mais material pra não ficar obsoleto, né? Então, na realidade, tudo começou assim com papel e a minha grana vinha também no vale postal. Vale postal é aquele dinheiro que o cara manda pelo correio, você chega lá apresenta a identidade e recebe. Até hoje é assim, o vale postal. Hoje é pouco usado, mas ainda tem serventia. Eu, na realidade, foi a informação musical que me fez ganhar dinheiro. E também, poxa, isso ninguém tá fazendo esse tipo de coisa. Como até hoje você vai numa escola de música se fala sobre jazz o professor, ah, o professor não, poxa, consegue entender. Eu tenho tudo cara. Até hoje... eu já tive muito mais coisas. Hoje eu tenho bastante coisa. Mas algumas coisas eu já vendi, não quero mais. Só que eu sou um cara que sempre acompanhei a evolução tecnológica. Aí veio o VHS pô, aí eu falei: agora você pode ver os caras tocando. Tem que começar arquivar esse tipo de material, também. Aí eu fui deixando. Desliga isso aí.

Pausa na fita.

Marina – O que você acha sobre o meio musical? Assim, os músicos...

Mauro – O meio musical? Pô interessante a pergunta, cara. Olha só. O meio musical ele é cruel né? Assim, é competitivo né?

O entrevistado liga o baixo no amplificador e começa a tocar enquanto fala

Mauro – E eu acho o seguinte: você tem a possibilidade de conhecer várias pessoas, mas ao mesmo tempo você tem uma sensação que esse pessoal vai te passar a perna, né? Quer dizer, não é questão de, ah porque o meio musical é competitivo. Sim, mas sobrevive quem é melhor. Mundialmente tem mercado pra todo mundo, pro músico top de linha, pro músico mediano, pro músico que está começando e ele fica naquele mercado até arrumar a vida dele. Tem gente que sobrevive só pro shopping até hoje. Não vejo mal nenhum nisso. Como tem gente que toca só jazz, também não vejo mal nenhum. Também tem o cara que toca de tudo, toca de axé music, tocando com Leandro e Leonardo, Xitãozinho e Xororó. É o mercado. O meio musical é assim, é um trabalho normal. As pessoas... é porque eu...a função é liberal... ele fala né? Eu crio os horários. Segunda feira ninguém trabalha, né? Nem todo mundo trabalha na segunda feira. Então... inclusive eu também não trabalho na segunda feira. Não tenho nada pra fazer. Aí tem que arrumar o que fazer, né? Mas hoje eu tenho um programa de rádio também, né? Quer dizer então, esse programa, hoje, é o meu orgulho, né cara? Não sei como é que ta a audiência mas esse programa é muito bom. Não é porque é meu, eu sei que é legal o programa. As pessoas, as que escutam, elas falam: pô seu programa é muito legal. E ta ficando cada vez mais louco. Porque eu to saindo daquele campo formal de locutor, né? To criando... não criando um personagem, eu acho que eu já sou um personagem. Eu costumo dizer que aquele negócio de álbum de figurinhas eu sou a figurinha que falta né? Aí eu tenho...a música ela caminha prum lance muito comercial, isso eu acho ruim. A música de qualidade, hoje, já não existe, né? Não tem mais gente fazendo música de qualidade. Tem o Amilton de Holanda que toca bandolin, tocou com o Márcio Bahia, Daniel Santiago, Gabriel Grossi, André Vasconcelos, um grande baxista. Esses são os caras que eu sei que estão fazendo música de qualidade. Tem Silvio Rangel aqui de Niterói. Eu to falando mais dos instrumentistas, porque cantores... Leni Andrade que eu acho que faz um trabalho de ponta, Rosa Passos que é legal. Não tem muita coisa assim..que eu possa falar esse trabalho é inédito, né? É inovador. Não. Ta todo mundo fazendo bons trabalhos, mas não inovadores. Isso não é nenhuma frustração porque ah... é porque é assim que funciona. Mesmo nos Estados Unidos, a música não ta numa posição inovadora, ela ta acontecendo, todo dia. Mais por uma questão de sobrevivência que de criação. Porque a fase da criação, ela já passou, cara. Ela já passou. Eu vou apagar aqui.

Mauro desliga o amplificador e pára de tocar baixo

Mauro – Ela já passou. Porque...Não eu botei baixinho. A música, a revolução ela foi isso, ela foi feita nos anos setenta. Tudo o que veio depois, volta a falar, é consequência dessa revolução sonora, né? Miles Davis, que descobriu-se o blue, e a Sarah Grave, John Coltrane, o disco “Escalad Suprime” e Dexter Gordon, um grande pianista do jazz que inovou na harmonia (incompreensível), enfim... Bill Evans o cara que tocou jazz mais iludido, começou a escrever arranjos, né? E assim por diante. Música de fusão.

Pausa na fita.

Marina – Então assim, dentro do que eu te perguntei sobre o meio musical, que eu queria que você, de repente, falasse um pouco sobre uns tópicos aqui que eu estava pensando...

Mauro – Ta manda aí.

Marina – É... pirataria, mercado e gravadoras, mídia, música e drogas, que até é até abordado no...

Mauro – ta vamos....

Marina – No “Quase famosos”.

Mauro – É Vamos em pirataria. Eu sou penamente a favor da pirataria. No sentido que... que tudo é muito caro. Então, a pessoa precisa ter acesso à informação. Então, eu acho que a pirataria ela é responsável pela.. a evolução da informação. Então eu sou a favor. Eu sou um, tudo meu aqui é cópia, dvd, cd, eu gravo muita coisa em mini disc. Porque não é questão de... eu não to vendendo, né cara? Claro, agente vende uma coisa ou outra, né? Porque.. pra poder circular a informação. Mas a pirataria que eu vejo por aí, a perseguição, isso eu acho ruim, mas não o acesso à informação. Então eu acho que a pirataria ela é boa por isso, porque dá direito pra todo mundo ter o mesmo tipo de informação. Seja o cara que more lá no chapéu mangueira e seja o cara que mora no Leme, em frente à praia. Fica a mesma coisa. Se o cara tem como copiar um disco lá no chapéu mangueira, o cara do Leme tem a mesma coisa. Então eles podem baixar a mesma música e copiar e passar pra outras pessoas. Como o dvd, o cara pode fazer a mesma coisa. Então, eu acho que a pirataria neste sentido, eu acho completamente viável, sou a favor sim, que o aluno copie, baixe, faça troca. Digo o aluno não, as pessoas. Não to mas na aula. As pessoas troquem, façam cópia, copiem pra outro. Eu costumo dizer que foi criado uma associação dos piratas solidários. Essa associação não existe, ela é virtual. Onde um tem todos copiam. Isso eu acho bom demais. Porque você vê, vou citar um exemplo. Saiu uma caixa do disco “Bitches Brew” que é um disco marco da fusão jazz rock que ela custa setenta e nove reais cada disco, quer dizer, sai por uns trezentos e poucos reais, né? Caríssimo. Eu já consegui toda a série da caixa na internet. Saiu uma outra caixa também do Yan Silent Waves, disco triplo, também custa setenta e nove reais cada disco, é importado. Ta tudo na internet. Então é só você entrar no programa chamado e-mule, né? e...mule. E você consegue tudo, cara. Agora também tem um detalhe: as pessoas acham que é só botar uma banda larga e sair copiando. Não. Tem que conhecer música. Porque se você clica lá Miles Davis, vem um mundo de coisas. Você fica perdido. Você não sabe o que vai copiar. Então é por isso que o cara tem que ter um pouco de cultura musical pra poder entrar num programa desses, olhar e já saber o que ele quer. Eu quando entro num programa desse eu já sei o que eu quero, o resto pra mim é lixo. Entendeu? Então você tem muita.. tem essas vantagens. Qual foi a próxima pergunta?

Marina – Era dentro dessa mesma pergunta. Era pirataria, mercado, gravadoras, os músicos, a mídia, os músicos e as drogas.

Mauro – Ó... O mercado e as gravadoras, eles tão apavorados. As gravadoras, elas praticamente não existem mais. Porque hoje todo mundo com home studio ele se produz, ele se auto produz na realidade, ele mixa seu próprio disco, prensa e vende. E o mercado é assim, o mercado ta cada vez mais independente. Todo mundo grava um disco independente. Sendo que disco independente não quer dizer que a música é de qualidade. É assim uma faca de dois gumes. Antigamente era difícil gravar mas era fácil de distribuir. Olha como o mercado é cruel, cara. Quando não tinha... só tinha sistema analógico, não tinha

computador, era difícil gravar mas era fácil distribuir. Muito fácil você distribuir um disco, muito. Muito fácil mesmo. E hoje não. Hoje você tem a facilidade do sistema digital, que você grava à vontade mas que fica difícil de você distribuir. A natureza das coisas, ela é perfeita, né? Então, né? A outra coisa?

Marina – Era músico e drogas...

Mauro – Essa relação é uma relação até hoje muito discutida. Porque as pessoas associam a música, o cara que mexe com música, teatro, dança, é sempre o cara que fuma maconha, bebe. Realmente isso não é uma mentira. Isso aí é possível. Mas tem um grupo de músicos que são altamente limpos. Assim, limpos de impurezas, de drogas, de álcool. Então, é... não é uma regra. Lógico, a grande maioria bebe muito, toma droga, mas tem um segmento que eu conheço vários músicos de ponta, eu não vou citar nomes, que também não tem nada a ver, que não tão neste meio. São músicos que tão aí produzindo mais através de estudo, pesquisa, informação, dedicação. Então, é... acho que hoje o jovem tem essa consciência, no meio musical ele já está mais consciente disso. Agora é muito mais de cada um, né? Do que... pra ser músico tem que ser doidão. Não. Esse tipo de regra não existe. Isso aí, é... criaram esse mito. Porque, na realidade, os anos setenta foram louquíssimos, mas foi necessária a presença da droga nessa evolução. Não teve jeito, você pega os livros você começa a entender, poxa. Teve um cara chamado Timote Lire professor de Havard, psiquiatra que introduziu o LSD. Teve Alen Ginsber, poeta beat, que também propagava o uso, o uso da droga. Jack Kerouack, Wilian Borrus, toda essa geração beat, eles usavam droga. Quer dizer, então... os caras do jazz mesmo... Charles Park tomava heroína, John Coltraine tomou, parou. Miles Davis teve que se tratar. Chat Bake, Red Roney, Dexter Gordon, poxa. Que mais? Gary Muligan. Até o caras que tão mais caretas no jazz... Louis Armstrong fumava maconha. Quer dizer, então... você vê Louis Armstrong que era um cara do “Hello, Dolly” né? Hello, Dolly...(Mauro canta a letra da música). Quer dizer, então... é uma questão que: a droga foi necessária? Sim. Hoje não mais. Hoje o cara tem que estudar. Porque droga nenhuma vai fazer ele evoluir musicalmente.

Marina – Mas você acha, nesta fase... você falou que ela ajudava?

Mauro. Não. Ela fez naquele período. Entendeu? No período dos anos setenta. Ela ajudou a música ficar louca. A música ficou muito buca, porque ninguém queria ensaiar tava todo mundo drogado. A droga... tava todo mundo muito elétrico, né? Então, a música ficou muito louca por isso.

Marina – Improvisação, né?

Mauro – Não ajudou. Ela impulsionou mais os músicos a irem pra outros territórios. Foi por isso. Hoje não tem espaço pro cara ser doidão, pra se drogar. O cara que entra na música desse jeito ele para de evoluir. Porque hoje o cara tem que estudar, bicho. Se não, não tem jeito, cara.

Pausa na fita.

Marina – Agente vê hoje muito a questão do fetiche em relação ao artista, principalmente aqui no Brasil, né? Em relação a carreira de artista, inclusive a musical que ta dentro. O que você acha sobre isso?

Mauro - É olha só. A questão... você ta falando do fã?

Marina – É a questão do fetiche da música...Em ser músico...

Mauro – É olha só. Existem duas correntes, tem duas correntes né? Existe o músico popular, que ta pra tirar proveito da situação e o músico sério. Quando eu falo músico sério é o músico instrumentista, que vai bcar, vai sobreviver de música. E tem aquele que usa a música pra se promover. Isso não tem como evitar eu vejo isso como uma coisa até normal. Mas não é uma coisa saudável. Normal porque o mercado precisa disso. Hoje em dia tudo está muito mais em prol do mercado do que propriamente no sentido de gostar de música. Quer dizer... um exemplo claro: aquele cara do ursinho blau, blau, como é o nome dele? Silvinho. Ele tinha um grupo chamado Absinto e agora resolveu tocar forró porque ele acha que vai ganhar mais dinheiro. Fazer o que, né? Esse grupo também era horrível, né? Era um pop/ rock sem vergonha. Mas... o cara acha que mudando o estilo ele vai ser mais reconhecido. Então, a questão do fã, do assédio são segmentos. Quando eu falo de músico de música instrumental, eu não to falando nesse assédio, eu estou falando no som que ele passa. Enfim esse outro lado do músico como o Felipe Dylon... Como é que é? Felipe Dylon? Felipe Dylon. Que é muito mais caras e bocas do que música, né? Vanessa Camargo, Luisa Possi, isso tudo você pode jogar fora, cara. Isso não é música, é apenas um... é um fenômeno, fenômeno de vendas. De produzir, de agradar mais ao público feminino, do que masculino, né?

Marina – E a rádio, por exemplo?

Mauro – As rádios estão cada vez pior. Não tem rádio. Por exemplo, antigamente. Exemplo, eu tenho essas informações todas musicais porque eu cresci ouvindo rádio. Não pensa você que eu tinha grana pra comprar vinil, né? Eu ouvia programa na Rádio do Brasil que era sessenta minutos de música contemporânea. Tinha a rádio federal que tocava rock progressivo. Tinha a radio pop que era ligada ao sistema globo que também tocava rock progressivo, tinha a tribuna fm de Petrópolis que também tocava rock progressivo. Depois veio a fluminense tocando rock. Quer dizer, muita coisa eu escutei no rádio. Não teve porque... não tinha como comprar os discos, era muito caro. Então, eu acho que hoje a rádio... o papel da rádio hoje não existe mais. A não ser a CBN que toca notícias mas música eu tiro duas estações aí, três...A rádio antena um, a light fm, a rádio mec... só, não tem muitos programas, né? Hoje a rádio não tem a menor preocupação em educar o público musicalmente. Eu acho que não tem mais esse interesse.

Marina – E o que você acha da carreira do músico no Brasil e a imagem do músico do Brasil?

Mauro – A carreira do músico no Brasil é de sobrevivência. Lá fora ele tem o mesmo peso. Quer dizer, antigamente tinha uma barreira muito grande entre o músico vamos dizer americano e o músico brasileiro. Hoje essa barreira ta cada vez menor. Porque o músico brasileiro ele está evoluindo a passos largos, né? Ele está estudando... eu dei exemplo aí, volto a falar, o Márcio Bahia está entre os grandes bateristas. Ele tocou agora em Nova

Orleans, na capital do jazz, fez miséria lá pra todo mundo. E todo mundo pedindo pra ele voltar, quer dizer. Na realidade, veja bem, mesmo o público de música nos Estados Unidos é um público que ama música instrumental. Então, na realidade o Márcio tá aí com uma carreira estável. Agora, trabalho, o cara trabalha, trabalha, trabalha por que se não ele não ganha o suficiente pra poder pagar as contas no final do mês, né? Mas na realidade, esse trabalho de músico é um trabalho que não aparece. A carreira do músico é tocar, tocar, tocar é como pesquisador, meu trabalho não aparece. Ninguém sabe o que eu faço. Tem que achar que eu não faço nada. É por aí, né? Manda.

Marina – Então em relação a música brasileira e a música fora...

Mauro – Você grava você falando também?

Marina – Gravo

Mauro – Ah ... legal.

Marina – É pra saber o que ...

Mauro – Ah... entendi.

Marina – Essa relação à música brasileira, a visão exterior da música brasileira, lá fora, como é que é?

Mauro – Ainda é aquele lance de samba, mulata, suor e cerveja. Aquela tríade maldita né? Agora no Japão a bossa nova é muito bem aceita, a bossa nova até hoje, tem muita coisa que não sai aqui no Japão sai tudo. Você acha qualquer disco do Carlos Lyra em cd no Japão. Você acha em qualquer esquina o disco da Silvia Teles. Você acha em qualquer esquina o disco do Jair Rodrigues, Wilson Simonal, isso no Japão. Tá tudo lá. Pega um avião chega numa loja você acha tudo. Então, essa relação é assim, no grosso ainda é a música popular. Mas tem um mercado consumindo música de qualidade. Hoje nós temos dois selos, assim, importantes de música brasileira: a Biscoito fino da Olívia Hime né? e a Quarup Discos do Mário Delatanha. Então, são selos tão até hoje no mercado. Até hoje. Tem música de qualidade. O choro. Tem também a Acari Records do Maurício Carrilho. Então você vê que hoje no mercado ele tem um espaço, você que o selo continua sobrevivendo. A grande massa é música comercial descartável. Mas tem esse mercado de música séria. Música instrumental, jazz brasileiro, choro, o samba que as pessoas chamam de raiz. No mundo todo é assim, sobrevive muito mais a música comercial, né? Infelizmente é assim, sem dúvida.

Marina – É... não sei se você viu aquele filme “Janela da alma”

Mauro – tem... (trecho Incompreensível) o nome não vem, esqueci o nome do cineasta

Marina – Não. É brasileiro

Mauro – Ah... é isso mesmo.

Marina – É que o Hermeto dá um depoimento...

Mauro – eu tava fazendo confusão com Buena Vista Social Club

Marina – Ah, não

Mauro – Não tem nada a ver uma coisa com a outra

Marina – Aí ele fala que...

Mauro – Peraí, peraí

Pausa na fita

Marina – Acho que vai acabar essa fita

Mauro – Bota logo outra

Fim da primeira fita

Segunda fita

Marina – Sobre a “Janela da alma” não sei se você viu...

Mauro – Ahã.

Marina – E o Hermeto fala, né? O filme fala das visões de mundo e ele dá a entender que ele percebe o mundo através do ouvido.

Mauro – É ele percebe

Marina – Aí eu queria saber sobre isso: o músico vê o mundo através dos sons?

Mauro – É com certeza, volto a falar lá no princípio da entrevista, né? A música tem o poder de entrar e sair com muita facilidade. É como um carro que passa, aí vem o outro e passa e já foi. E o músico que é muito ligado em som, ele vê o mundo através da percepção, ele ouve mais, ele percebe barulho de carro com mais nitidez. É...as pessoas falando ele começa a ouvir música né. É claro que o Hermeto é um iluminado, né? O Hermeto é uma... é uma exceção no meio musical. É o único cara que eu conheço, que você fala com ele, ele pega a sua voz e escreve numa partitura. Os sons, ele ouve, você fala: tudo bem Hermeto? Como vai você? E toca isso, pararara. Olá como vai? Ele faz: olá como vai? Ele faz exatamente a mesma seqüência melódica, né? Ele consegue.

Marina – Você não acha que isso talvez seja dom?

Mauro – O Hermeto é uma exceção, cara. só tem ele fazendo isso. É o Hermeto é uma exceção. Não acredito num dom, não. Eu acho que todo mundo pode tocar bem. Agora acima disso só o Hermeto. Quer dizer, existe sim. Falar do Hermeto é um negócio meio perigoso. O Hermeto é um Deus dentro da música. Todo mundo toca bem mas o Hermeto está sempre acima. Entendeu? Ele ta sempre acima. Então, é como Miles, Miles Davis, John Coltraine, Hermeto Pascoal, estão todos eles no mesmo patamar de criação. É como a guitarra elétrica tem o Steve Vai o tem o Satriani, mas o baluarte da guitarra ainda continua sendo o Jimi Hendrix, apesar de ser uma técnica bem inferior. Claro se você for analisar tecnicamente o Steve Vai esta a dez anos luz, mas acontece que o Hendrix foi o pioneiro, entendeu, mais por isso. Agora, o Hermeto é um gênio, cara. Isso aí... Mas eu acredito que ele veio com um propósito musical, propagar música de qualidade, fazer som.

Marina – Outro dia eu estava lendo aquele “Noites tropicais”...

Mauro – Do Nelson Motta, eu tenho esse livro.

Marina – Ele fala que ele tentou escola de música... Só que

Mauro – O Nelson Motta?

Marina –É... ele estudou música, e tal, só que ele acha que não nasceu pr'aquilo

Mauro – É existe pessoas que...

Marina – O negócio dele é a crítica musical.

Mauro – É então, quando o cara chega nesse ponto., não é que ele não deu pra música, exemplo: eu também acredito que eu nunca vou ser instrumentista. Mas você mexe com música, você lida com elementos musicais, isso também te dá prazer. Você dar uma aula, pesquisar, fazer uma cópia, conhecer um cara que tem o disco tal. É... Nelson Motta, eu acho um cara muito legal, né? Eu tenho alguns livros do Nelson Motta aí. E ele estudou e tal e não deu pra música e parte pra outra. Porque na realidade música tem que se dedicar muito, cara. Geralmente é assim, existe até uma lenda:quando o cara... todo crítico musical é aquele que não conseguiu ser músico. É que nem professor de musicoterapia: o cara deu aula de musicoterapia, por que? É porque não sabe tocar. Isso é lenda da profissão. Tem até uma piada sobre isso: tinha um cara que adorava música erudita e vivia propagando a música erudita pra todo mundo. Aí ele um dia perguntou: cara em vez de ouvir Bach, Chopin, Brahms. Aí ele falou assim: não. Se quiser ir pro bar tomar um chopinho e que seja Brahma. (risos). Agora, ele fez um trocadilho em cima dos compositores eruditos. Bramhs, de Willian Bramhs, chopinho, de Chopin, Bach, de bar. Se você falar: vamos ao bar? E compositor loham Bach, é quase que soa a mesma coisa, é muito engraçado.

Marina – E o que significa pra você ser trabalhador, trabalhar? O que é trabalho pra você?

Mauro – O trabalho? Em que sentido?

Marina – O que, que você pensa... quando você pensa em trabalho? Ele te dá sentido?

Mauro – É olha só. O trabalho de música é um trabalho que não te cansa, mas ao mesmo tempo você fica sempre querendo mais. Eu to aqui eu to pensando, pô eu queria arrumar outra coisa (incompreensível) chega uma coisa eu fico pensando em outra. Então essa é a busca. O trabalho é... o que será a aula amanhã, é legal. Apesar de ser rotina, tem uma rotina, mas não é aquela rotina de chegar no trabalho de nove às seis. Mas, a gente nunca sabe o que vai acontecer, eu realmente nunca sei o dia de amanhã. Porque isso é que é legal. Hoje eu to aqui sentado com você, daqui a pouco eu vou sair, vou dar aula meio dia, fico lá até às sete horas da noite e a vida continua, né?

Marina – Mauro, o que é a música pra você, então?

Mauro – O que é que é a música, cara? É uma maneira de você ver o mundo, cara. Aliás, estar dentro do mundo mas fora dele. Quando você começa a mexer com música, você vira meio um slider, né? Você vive numa dimensão paralela, vê o mundo normal e o mundo que você faz pra você. É até um mundo egoísta, mas é. Esse trabalho é um trabalho muito solitário, eu fico aqui sozinho no meio dessas coisas todas e se eu começar a mexer...

Marina – Mas nem tão solitário né?

Mauro – É, Exatamente. Eu vivo num mundo solitário mas eu não sinto solidão, porque não dá tempo, cara. Porque se eu começar a mexer a cabeça vai pra outro lugar, então acabou a solidão. Então, na realidade, você pega um instrumento toca, pega um livro vai ler, vê um vídeo, ouve uma gravação, vai na escola, então é um trabalho... A pergunta foi sobre trabalho, né? É um trabalho que te dá prazer, mas é uma busca solitária, né? Neste

sentido. É até meio egoísta. Você fica assim.. você fica com pouco interesse no mundo. Assim... às vezes eu não sei, por exemplo, faltou água aí no Rio, nem eu sabia, cara. Você pode ficar falando, como é que é Mauro, você não sabia? Cara, eu não vejo televisão. Às vezes morreu não sei quem. Ih! Morreu!. Pô Mauro você tava aonde? Na Glória. Aí o cara: a mas você não ta sabendo disso? Falei, não. Pô Mauro você tem que se informar, essas coisas. Eh peraí cara. Às vezes, as amenidades que você escuta, eu escuto bem o que um fala pro outro. A lá apareceu a Luma de Oliveira com um vestido curto, aí todo mundo fica sabendo, aí eu fico porque eu escuto, né? O Ronaldinho já adiou duas vezes o casamento. Aí você escuta. É... e você escuta porque isso você não fica sabendo, porque eu quero ler. Você escuta pelo ar. Morreu o Claudinho, da dupla Claudinho e Bochecha. Fiquei sabendo por outras pessoas. Então é um negócio... você fica meio alienado, né? Mas não que você é um cara alienado, ou seja uma pessoa alienada, é porque você tem tanta coisa pra ver, ouvir, pesquisar que você fala: ah cara, pô eu tenho mais o que fazer, bicho. Às vezes o cara começa a discutir, você fala: Bicho deixa eu ir pra casa, porque ficar perdendo tempo aqui? Entendeu? A perda de tempo é uma coisa muito ruim. E a música não ela te dá... ela te isola. Você às vezes fala assim: poxa, por exemplo, o meu programa vai ao ar sexta feira à meia-noite, aí toda sexta-feira eu to em casa agora, eu saía sexta feira à noite, agora não. Automaticamente eu fico em casa pra ouvir o programa, entendeu? Pra rir um pouco. Porque eu me acho engraçado falando, então eu fico rindo e ouvindo música, né? Essa semana agora vou pegar todos os programas em cd. Então vou botar em formato mp3 e depois deixar guardado em casa. Se eu quiser ouvir alguma coisa é só botar no aparelho que leia e é tipo recordar é viver. Então, é por aí.

Marina – Então, o trabalho pra você é mais uma questão de prazer que até da remuneração?

Mauro - É. Não. Claro que é o seguinte: uma coisa puxa a outra. Mas , por exemplo, é...volto a falar: pra você viver assim você paga um preço. O preço é esse você tem grana mas ao mesmo tempo não tem. Então você não pode se dar ao luxo de sair gastando, se você quiser gastar, vai gastar em livros, em periódicos, em dvds, cds, equipamentos, coisas que você sabe que vão te dar grana ao longo do prazo. Entendeu? Eu pego e faço gravação, faço vídeo. Então, uma coisa puxa a outra. Então a diferença é que você direciona mais a sua grana, você não fica esbanjando dinheiro, jogando dinheiro fora mais por isso. Então é um prazer que é pago, mas a proporção de grana não é... vamos dizer assim, o dinheiro entra, ele sai. Ele não fica muito tempo na conta. Esse é o problema. Aliás, esse é o principal problema. Agora a gente sobrevive muito bem, cara. Não tem como dizer assim, ah...

Marina – Mas você acha que o músico que se dedica tanto ao instrumento quanto a crítica, ao estudo da música...

Mauro – à pesquisa...

Marina - ... ele consegue um trabalho?

Mauro – Com certeza, cara. Agora tem que ter muita coragem, tem que ser autêntico. Não pode abrir muitas concessões, né? Até falo assim pra turma, pra turma nova: Gente deixa pra se vender mais tarde. Até falo: quando você chegar na minha idade vocês começa a se vender. Mas por enquanto, quer dizer, tem casos que tem quinze anos, vai abrir concessão? Não precisa, bicho. Eu nunca abri muitas concessões. Pra se auto favorecer,

né? Eu nunca fui de abrir concessão. Ah não eu vou ter que mudar pra me dar bem. Não. Eu sou desse jeito desde que eu nasci. Desde que eu comecei a botar calça comprida. Então, na realidade, é... às vezes, o cara: ah porque eu tenho que ganhar muito dinheiro logo. Eu falo: pra que, bicho? Tem que ganhar quando você viver. Vai ganhar muito dinheiro, logo? Pô nunca pensei em ganhar muito dinheiro logo. Eu pensei o seguinte trabalhar, pra ter as coisas, pagar as contas, comer, sobreviver e viver. Sobreviver e viver, né? Porque também só sobreviver também não dá. Porque você só sobrevive, aí vira escravo, né? Então, assim...e a música ela te dá muitas alegrias sem você gastar dinheiro, basta você ouvir música na casa do seu amigo... é o lazer. O lazer do músico e do pesquisador é ta dentro deste meio. Ou seja, assistir um show do amigo, discutindo música em algum lugar, vendo um filme que tenha a ver com música, teatro, mostras de vídeo... é. Então não tem porque achar que você não vai conseguir viver disso. Consegue. Mas sem luxos, sem excessos, não dá. Às vezes o cara quer ir no bar comer caviá e quer ser pesquisador. Tem que ficar aí no arroz, no feijão, na salada. É eu acho que é por aí. Então, né. Mexer muito com quadrinhos né? Sempre tive...

Marina – Quadrinhos como? História em quadrinhos?

Mauro – É conversão de quadrinhos. Eu sempre tive muito metido com a contracultura. Quadrinhos... Tudo o que é... hoje eles chamam de alternativo. Tudo que é alternativo me interessa. Eu já fiz vídeo lá pra Babilônia feira hype, ali no Jóquei. Tudo que é diferente eu gosto. Sem fazer força pra ser diferente. Nem preciso ficar fazendo força. Até falo: bicho, eu não preciso aparecer. Eu chego num lugar todo mundo já vê que sou eu. Porque só tem eu no Rio de Janeiro. Eu paço, todo mundo fala: o Mauro passou por aqui. Eu venho num pique muito rápido, né? Pô, o Mauro passou por aqui. Então, eu não tenho tempo pra ficar... Se eu quisesse aparecer eu botava uma melancia na cabeça. A simplicidade, ao mesmo tempo, faz a pessoa ficar diferente. Cada hora.. pô o cara ta sempre assim, né? Sempre na minha. Clássico. Eu sou uma cara clássico por isso. Porque eu venho me mantendo assim à anos. Eu acho legal. Quando eu tinha dezoito, vinte eu achava que aquilo era uma moda, hoje eu vejo que não é. Eu sou desse jeito. To com quarenta e três eu vou fazer quarenta e quatro agora, quer dizer, eu já to assim a sei lá... mais de vinte, né? A gente vê que hoje não é mais uma moda. Hoje as pessoas já olham e falam: ah o senhor Mauro, tudo bem aí? Você está a mesma coisa meu filho. Eu falo: é só to ficando velho. Mas a autenticidade mostra que você... aí o respeito ta por você ser desse jeito. Então, não é a melhor maneira de você cativar a pessoa mas ajuda a você manter a paz no meio. Aí o cara chega agitado, aí você fala: Bicho, calma. Aí o cara: ah ta, Aí já vai. Porque eu não tenho necessidade... e ó que eu sou um cara estressado, ein.. pode até não parecer, mas eu sou. Algumas coisas me encham o saco, cara. Mas faz parte.

Mauro – To falando pra caramba. Você querendo mais coisas... é hoje foi um negócio meio apertado, né? Então você querendo mais você pode marcar pra outra quarta.

Marina – O problema é que eu tenho que entregar a transcrição terça feira.

Mauro – Ah então morreu. Hoje é quarta? Deixa eu ver você pode vir sexta feira de manhã?

Marina – pode ser... eu tenho que ver só... se vai precisar mais de alguma coisa.

Mauro – É se não vai ficar muita coisa pra você.

Marina – É eu tenho que transcrever até segunda e tenho que te dar ainda a carta de cessão

Mauro – Ta. É você pode levar lá na sala de aula que eu assino. Não tem problema não.

Marina – Então eu vou fazer assim...

CADERNO DE CAMPO

O entrevistado trata-se do meu professor de Panorama Musical da Escola de Música Villa Lobos, Mauro Wermelinger. Este também é apresentador de um programa de rádio na rádio Viva Rio, faz edição e gravação de fitas e participa de bancas para julgar festivais de música

Ao ser convidado, o entrevistado se mostrou bastante entusiasmado com o convite.

A impressão que tenho é a de que ele parece ser uma pessoa que vive da música, para a música e que, vê, portanto, o mundo através de sons e melodias, fato que ele já havia comentado em sala de aula.

Em suas aulas é relatado para nós, alunos, os diversos tipos de música e o seu interesse no conhecimento de novas melodias, na história da música, e um enorme conhecimento à respeito dos diversos instrumentos. Me parece (uma visão anterior à entrevista) ser ele um apaixonado pelo que faz. Seus depoimentos deixam claro a sua extensa leitura sobre música, já que deu aula de estética musical, e já escreveu diversos artigos sobre música para revistas.

Em suas aulas, Mauro costuma criticar o mercado musical, a música produzida para as grandes massas, tocadas na rádio. Também mostra não ser muito ligado ao contexto atual político, aos problemas atuais, deixando claro que um dos seus poucos interesses é a música.

Mauro também tem experiência como tocador de baixo, porém sempre afirma que sua especialidade é como crítico musical.

A entrevista ocorreu de maneira bastante satisfatória, o entrevistado assim com a entrevistadora ficaram bastante à vontade, e os objetivos da entrevistadora foram concluídos. Ele foi realizada no seu estúdio de gravação, no seu apartamento localizado no bairro da Glória. Esse estúdio tem todo o seu material de trabalho como livros fitas VHS, cds, dvds, mini disc, aparelhos de vídeo e dvd, e televisão, enfim um grande acervo de música.

Gostaria, no entanto, de deixar registrado aqui que no final do lado A da primeira fita que foi cortado, o professor havia falado que apesar dele ter trabalhado durante um certo tempo no banco, depois de um certo tempo ele conseguiu se sustentar trabalhando apenas com música.

RESUMO

FITA 1
Lado A

- Mauro fala sobre sua infância, a sua mudança do Méier para Jacarepaguá onde ele conheceu o grupo do músico Hermeto Pascoal no qual ele viria a trabalhar durante nove anos.

- Mauro relata seus primeiros contatos com os movimentos de contra cultura nos anos setenta.

- Comenta sobre seus primeiros trabalhos na área musical, quando começou a escrever artigos pra revista e coletar material para seu acervo pessoal.
- Relata o seu trabalho como road do grupo de Hermeto Pascoal e suas viagens com a banda pelo país.
- Fala do seu trabalho como bancário.
- Relata a sua entrada na Escola de música Villa Lobos.
- Ele começa a comentar um pouco sobre os passos da música no século XX.
- Mauro fala da revolução musical que ocorreu nos anos setenta.
- O entrevistado comenta dos músicos que ele conheceu e conviveu durante sua trajetória musical.
- E ainda faz um breve comentário dele mesmo como instrumentista.

Lado B

- Ele fala sobre a pesquisa musical.
- Relata sobre o emio musical.
- Mauro fala sobre a pirataria.
- O entrevistado tece comentários em relação ao mercado e gravadoras de música.
- _ Mauro fala um pouco sobre o mundo musical e as drogas.
- Este comenta sobre a fetichização da carreira de músico.
- Ele comenta um pouco sobre o papel da rádio na atualidade.
- Mauro descreve as condições da carreira de músico no Brasil.
- Ele tece comentários à respeito da imagem da música brasileira no exterior.

SEGUNDA FITA

Lado A

- Mauro comenta sobre ver o mundo através dos sons.
- O entrevistado responde o que é pra ele ser trabalhador.
- Mauro tece comentários acerca do prazer e da remuneração da profissão de músico.

**Universidade Federal Fluminense
ICHF – Instituto de ciências humanas e filosofia
Departamento de História
História Oral
Prof. Marcos Alvito
Aluna: Marina da Silva Lutterbach
Transcrição da entrevista, caderno de campo e Resumo das fitas.**

Entrevista com Mauro Wermelinger